

50 ANOS DA CASA SYLVIO ALBANESE (1964-1969)

Henrico Albanese Postiglione (IC) e Ruth Verde Zein (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Entre 2019 e 2020, junto à Família Albanese foi realizado um trabalho de investigação, documentação e análise da omitida Casa Sylvio Albanese, de autoria de Paulo Archias Mendes da Rocha (1928 -) e João Eduardo de Gennaro (1928 - 2013). Construída entre 1964 e 1969, a residência permaneceu em posse dos proprietários originais ao longo dos recentemente completos 50 anos de existência, resultando quase sem alterações, se bem distante do ambiente acadêmico e da historiografia. Buscaram-se detalhes do período de execução da obra, as apropriações no decorrer do tempo, possíveis mudanças sob o consentimento ou não dos autores do projeto e patologias desenvolvidas com o decorrer do tempo principalmente na delgada estrutura em concreto armado aparente e na inovadora tecnologia de laje inundada de cobertura. Através do levantamento bibliográfico, de entrevistas, medições, documentação fotográfica, redesenho “*as built*” e elaboração de esquemas, cartas geográficas e tabelas analíticas, foi possível desenvolver um quadro de preservação detalhado do imóvel, para o qual se justificariam esforços de conservação por também constituir, junto a outros tantos excepcionais exemplares de variados arquitetos, o patrimônio moderno residencial da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Arquitetura moderna. Paulo Mendes da Rocha. Preservação. Documentação. Patrimônio cultural.

ABSTRACT

Between 2019 and 2020, a study was conducted together with the Albanese family, regarding the investigation, documentation and analysis of the Sylvio Albanese residence, designed by Paulo Archias Mendes da Rocha (1928-) and João Eduardo de Gennaro (1928-2013). Built between 1964 and 1969, for several reasons the house remained with the same owners, throughout the last 50 years of existence, thus remaining almost intact, though almost forgotten by academics and historiography. Details of its construction, different uses and probable changes with or without the consent of the architects, were investigated as well as pathologies developed over time, specially regarding the thin concrete structure, and its flooded roof. Trough the collection of theoretical data, interviews, measurements, photographic documentation, “*as built*” plans and sections drawings and schemes, maps and tables elaboration, a detailed preservation documentation of the building was produced, For which, once it belongs to a group of special buildings from several architects, efforts on conservation are completely justified.

Keywords: Modern architecture. Paulo Mendes da Rocha. Conservation. Documentation. Cultural heritage

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório é fruto do estudo pormenorizado de uma residência moderna paulista um dia consagrada pela historiografia, mas ainda pouco reconhecida em profundidade, diferentemente de outras obras dos mesmos autores. Trata-se da Residência Sylvio Albanese, projetada em 1964 no bairro da Mooca pelos arquitetos Paulo Archias Mendes da Rocha (1928-) e João Eduardo de Gennaro (1928-2013). Com 50 anos de existência, a casa ainda é de propriedade da família que a encomendou, sendo Sylvio Albanese (1928-2005) primo-irmão de João Eduardo de Gennaro, e sua viúva, Silvia Terezinha Albanese (1931-), a atual moradora.

A produção dos arquitetos paulistas nas décadas de 1960 e 70 vem sendo debatida e reconhecida por vários autores, e boa parte dela apresenta uma linguagem coerente e reconhecível, por vezes denominada “arquitetura paulista brutalista”, manifestação já presente internacionalmente, que influenciou outras regiões do Brasil (ZEIN, 2000, p.11).

A residência Sylvio Albanese foi publicada nas edições 342 e 343 da revista Acrópole, em 1967, em conjunto com outras obras da produção inicial dos arquitetos Paulo Mendes da Rocha & Eduardo de Gennaro, com introdução de um texto de Flávio Motta (1926-2016) homenageando os primeiros 10 anos de atuação profissional dos arquitetos, então jovens talentos em ascensão.

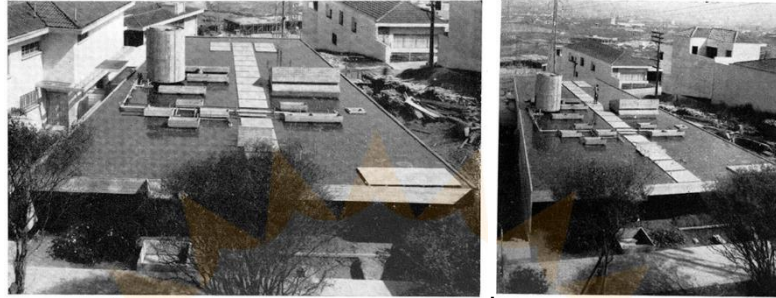
Àquele tempo, já estavam construídas, além de residências, agências bancárias e edifícios institucionais, entre outros tantos não executados nos setores público e privado, entre eles o Ginásio do Clube Atlético Paulistano, de 1958, publicado e premiado nacional e internacionalmente e o Jóquei Clube de Goiânia, já em 1964, obras provavelmente responsáveis pela enorme difusão do trabalho dos sócios, apenas 4 anos após a formatura dos colegas de faculdade (1954),

Segundo Otondo (2013, p.79), a Casa Sylvio Albanesi é um dos 23 projetos residenciais unifamiliares construídos, dos 30 projetados por Paulo Mendes da Rocha, até 1980. Nessas obras, o desenvolvimento de “pequenos engenhos”; detalhes arquitetônicos minuciosos e muito bem apresentados, em escala de detalhe, revelam o rigor do arquiteto tanto ao construir quanto ao representar.

A “Casa na Mooca”, como é chamada na revista Acrópole, completou, em 2019, 50 anos de inauguração e, como afirma Bruand (1981: p.315, 316), é produto pleno do amor de Paulo Mendes da Rocha e Eduardo de Gennaro pelos “processos elementares”, havendo eles optado por limitar ao mínimo o acabamento da obra, inclusive com emprego da tecnologia,

então experimental, da laje de cobertura inundada (imagem 01), não apenas por sua vantagem econômica, como também por permitir, em princípio, uma solução simultaneamente adequada aos problemas de dilatação, impermeabilização e isolamento térmico.

Imagem 01: “Jardim dos dormitórios e vista geral da cobertura”



Fonte: (Acrópole nº343, p. 40, set. 1967)

Com essa pesquisa, procurou-se levantar todos os dados disponíveis tanto no arquivo dos autores como nos arquivos pessoais dos moradores a respeito dos processos de concepção, construção e de habitação. A possibilidade de pleno acesso à casa, seu mobiliário, arquivos e documentos, entrevistas e fotografias dos ainda moradores da casa foram em parte garantidos ao autor, embora por questões incontroláveis, da ocorrência da pandemia de COVID-19, a visita a casa tenha sido limitada, não impedindo, não obstante, que um estudo de caso referenciado em termos espaciais, materiais, formais e tecnológicos fosse realizado, sendo seus resultados resumidos neste documento.

Através desse estudo, pretendeu-se compreender melhor essa obra também como um produto de uma tentativa de expressão de uma visão de mundo, uma vontade social e política que alimentava as decisões projetuais dos autores, inclusive na busca por uma linguagem arquitetônica brasileira, como afirma Paulo Mendes da Rocha em depoimento à Acrópole (ed. 342, 1967). Por outro lado, interessou também compreender melhor a experiência de vida dos moradores da casa, como ocuparam e ocupam seus espaços, suas vivências e percepções.

Ao atingir as diversas esferas ao redor da obra, estima-se que o produto da pesquisa sirva de base para um reconhecimento amplo, de maneira a disponibilizar os elementos para a definição de estratégias para sua preservação, possivelmente, como uma primeira etapa para um futuro projeto de restauro.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para Bastos (2003), com a mudança da capital nacional para Brasília e a instalação do Regime Militar (1964-1984), houve quebra das expectativas políticas e arquitetônicas, tão entrelaçadas no momento anterior. O golpe de 64 representou o fim da política de conciliação ideológica, influenciando diretamente a expressão formal da arquitetura. Segundo a autora, a

até então predominante escola carioca, leve, sinuosa e integrada à arte, é substituída, no pós-Brasília, pelo uso do concreto aparente, grandes vãos e balanços e a estrutura definidora da forma da escola paulista.

Como afirma Zein (2000), a cidade de São Paulo, que até a década de 40 era considerada secundária no panorama cultural brasileiro, assume-se vanguardista nos anos 50 juntamente com sua progressiva concentração de riquezas antes rurais e agora industriais. Fomentada a produção cultural na capital, ainda pela fundação do Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu de Arte Moderna (MAM) e a Bienal de Arte de São Paulo, a projeção da cidade atrai a atenção de personalidades internacionais para a peculiar arquitetura do país, inclusive às já publicadas e reconhecidas obras de Oscar Niemeyer para a Pampulha e os demais nomes da escola carioca do *Brazil Builds* (1943).

A chamada Escola Paulista Brutalista não é somente reconhecida pelo discurso que se pretende ético, como veículo de exposição da vontade social e política essencialmente utópica e frequentemente militante, mas também por sua contribuição formal, plástica e tecnológico-construtiva, definitiva no surgimento de uma especialidade diferente da carioca. Em São Paulo, os arquitetos se atentavam à racionalidade construtiva, à clareza estrutural e a um projeto de futuro, a ser melhor alinhado às suas ideologias, e portanto, protótipos em linguagem e técnica a serem repetidos e concebidos em excelência, visando a pré-fabricação (ZEIN, 2000).

Segundo Segawa (1998) o uso do concreto armado, inaugurado no Brasil pela Estação de Mairinque (1897), de Victor Dubugras, já estava consolidado na década de 50, quando os arquitetos paulistanos deram-se conta dos ensaios em concreto aparente de Le Corbusier na unidade de habitação de Marselha (1946-1952) e no edifício para Exposições em Turim de Pier Luigi Nervi na exposição da I Bienal de São Paulo. No entanto foram os arquitetos Affonso E. Reidy, no Rio de Janeiro e Rino Levi em São Paulo que iniciaram “uma generalizada aceitação das possibilidades estéticas do material aparente”. Embora tenha sido inaugurada nas obras de Vilanova Artigas e companhia, a partir do uso de materiais e instalações à vista, da preocupação por um funcionalismo não necessariamente mecanicista, a “alcunha” de Brutalismo Paulista.

Na obra de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro, tais características são identificáveis em meio ao formalismo racionalista brasileiro, guiando-se por vezes na experiência interna do edifício e não por sua forma. Também imersos no discurso crítico-filosófico, atentos às disparidades sociais e ao planejamento e gestão urbana afastando-se do “arquiteto carioca construtor de novas cidades” (FISCHER 1982).

“O amor de Paulo Mendes da Rocha e seu associado pelos processos elementares, limitando ao mínimo o acabamento, aparece em toda a sua

amplitude na casa que construíram no bairro da Mooca (1964). Para evitar as despesas de impermeabilização (que até então eram consideradas como complemento obrigatório de toda cobertura em cimento armado) e para resolver, ao mesmo tempo, os problemas de dilatação e retração devidos às bruscas mudanças de temperatura em São Paulo, eles tiveram a ideia de experimentar um novo sistema: fundiram uma laje cujas beiradas permitiam reter uma camada líquida de alguns centímetros e a inundaram antes mesmo que o concreto tivesse tempo de secar; a água mantida constantemente em toda a superfície a ser protegida serve como isolante e torna inútil a camada impermeabilizante. Sem dúvida alguma é uma solução original e econômica, que mostrou ser eficaz durante o uso, embora comporte um perigo latente: se, por uma razão qualquer, essa pequena piscina secar, mesmo que seja por um momento, haverá imediatamente fissuras irreparáveis e a necessidade de refazer todo o edifício, mas essa espada de Dâmocles não parece inquietar os arquitetos, que consideram a hipótese como muito pouco provável; quanto ao proprietário, ignora essa ameaça que pende sobre sua cabeça.” (BRUAND, 2010, pg.315)

Zein (2000), em sua dissertação de mestrado, categorizou, seguindo uma periodização cronológico-tipológica, as residências unifamiliares de Paulo Mendes da Rocha, definindo fases sucessivas e por vezes simultâneas. Apesar da perceptível unidade na linguagem do arquiteto, foram identificados fatores em que a experimentação, consolidação, abandono e amadurecimento das propostas.

A casa Sylvio Albanese, sob os critérios pela autora eleitos, foi identificada como de transição, entre a 2ª Fase: “Ensaio consolidados (1961-1964)” e a 3ª: “Tipos consolidados: Casa-apartamento sobre pilotis”, subgrupo: “1964-1965: Tema Paulista, empenas fechadas e sombras abertas”. Sobre o fato da casa ser um dos ensaios dos arquitetos, a autora constata:

[...] a aparência externa enfatiza os fechamentos extensos por paramentos verticais pendurados na laje, à maneira da fase seguinte. Nota-se, entretanto, que a integração de ambas as direções ainda não chegou a uma proposta íntegra, a conciliação que propõe não estando ainda totalmente confortável; a explicitação dos pilares de apoio na elevação frontal tampouco parece casar com o desejo, expresso na elevação lateral, da caixa auto-portante. Enfim, se a presença do tijolo deixado aparente colabora para calentar os ambientes internos, o conjunto parece menos perfeito, mais ensaio que solução. (ZEIN, 2000, p. 197)

Frequente em muitas obras dos arquitetos, a solução tripartida dada à distribuição de programa se repete nessa casa, onde a área central é privilegiada como vazio, contando com uma passarela de circulação superior e o volume de serviços e cozinha. Única pela geometria trapezoidal em aclave do terreno, a casa se localiza na Rua Manoel Vieira de Souza, 175, na Mooca. (ZEIN, 2000).

A concepção do patamar da escadaria de acesso social, como espaço de estudo e biblioteca, sobre o jardim no setor central, abusa de iluminação natural, devido a uma grande claraboia pré-fabricada. Instaladas a mostra na cobertura, as conexões hidráulicas e a caixa d'água encontram-se suspensas sobre o espelho d'água (Acrópole, 1967).

Para além do entendimento da obra como objeto construído, conceituado e técnico, e seu posicionamento no conjunto da obra dos arquitetos, esta pesquisa caminha nas direções indicadas pelo *Committee for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement* (DOCOMOMO, que desde 1988, contribui para a preservação e valorização de importantes obras do Movimento Moderno, como também a troca de ideias sobre tecnologias de conservação, história e educação, o resgate do interesse pelos ideais, pela herança do movimento moderno e pela sua documentação, e o suscitar da responsabilidade para com essa recente herança arquitetônica.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi organizada em duas etapas principais: Reconhecimento e coleta de material já produzido sobre o objeto de estudo, e documentação da obra “as built” e pós ocupação.

O primeiro conjunto de tarefas resume-se no reconhecimento e aprofundamento na literatura preexistente sobre os arquitetos, a residência Sylvio Albanese e suas demais obras. Foram consultadas as edições 342 e 343 de agosto e setembro de 1967 da revista Acrópole através do endereço virtual, mais especificamente, a seção dedicada aos associados Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro em homenagem ao recente e reconhecido trabalho dos jovens arquitetos. E, nas dependências da Biblioteca da FAU Mackenzie, uma série de livros, dentre eles “Arquitetura Contemporânea no Brasil” de Yves Bruand, edição de 2010 que em meio a um panorama abrangente da arquitetura do século XX no Brasil, descreve, também baseado nas publicações da Acrópole a trajetória dos arquitetos e comenta superficialmente a “Casa na Mooca”.

Para a elaboração de mapas da situação da casa e entendimento de sua relação com o entorno, foi consultado o site GeoSampa¹ da Prefeitura de São Paulo. E para compreensão mais aprofundada e análise crítica do projeto da Casa Sylvio Albanese, o mestrado de Ruth Verde Zein de 2000 e o doutorado (2013) e livro (2016) organizado por Catherine Otondo, com ensaios fotográficos, cópias de desenhos originais e depoimentos do autor e de pesquisadores, dedicado à Casa Butantã.

O segundo conjunto, devidamente embasado no primeiro, trata-se da composição de material novo sobre a residência, , como medições internas e externas da casa, juntamente a um levantamento das possíveis avarias na estrutura, vedações, acabamentos, instalações e

¹ O Portal Geosampa é um portal que segue as diretrizes do Plano Diretor Estratégico, reunindo dados georreferenciados sobre a cidade de São Paulo, dentre eles cerca de 12 mil equipamentos urbanos, rede de transporte público, mapas geotécnicos e importantes dados sobre a população. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/>

mobiliário e a documentação fotográfica dos principais ambientes e de todas as conhecidas modificações no projeto original.

Através de entrevistas com os proprietários, realizadas nos dias 12 de fevereiro e 10 de outubro de 2019, foi possível o registro de relatos desde o primeiro contato com os arquitetos, possíveis interferências ou mudanças de projeto até as impressões, opiniões, passagens e contos de 50 anos vivendo numa casa tão singular.

Com o aparecimento de novas fontes de informação, restrição de outras, e o avanço das conversas com os moradores, o foco da pesquisa acabou sendo redirecionado para uma análise mais objetiva sobre os dados coletados, sendo estes físicos ou orais. Por dificuldades de acesso ao coautor ainda vivo do projeto, Paulo Mendes da Rocha, foi utilizada parte de uma conversa com o mesmo, ocorrida antes do início do projeto de pesquisa, em 14 de setembro de 2018, por uma coincidência em que este pesquisador esteve na exposição no Itaú Cultural na Avenida Paulista intitulada de “Ocupação Paulo Mendes da Rocha”, de 13 de setembro até 04 de novembro de 2018, de curadoria de Guilherme Wisnik e Itaú Cultural. A conversa havia sido gravada e a transcrição do áudio possibilitou expor, mesmo que em fragmentos e de maneira espontânea, algumas lembranças de partido e projeto do autor sobre a obra.

Em seguida, coube a este pesquisador redesenhar o objeto conforme as medidas aferidas, para assim documentar e compreender diferenças que existentes entre o projeto original, constante da coleção da Casa da Arquitectura, sem disponibilidade de visita atualmente, e o que foi de fato construído.

Foram utilizados os softwares Archicad 22 e 23, da Graphisoft, por sua tecnologia BIM, que facilitam o desenho preciso em escala 1:50 e o ajuste personalizado de materialidade de objetos tridimensionais e pelas ferramentas de sobreposição gráfica e de filtros de renovação, que permitem diferentes visualizações do modelo, permitindo a documentação de permanências e alterações sofridas pela residência. Os arquivos .pdf gerados foram inseridos diretamente no relatório em escala gráfica pela limitação espacial do relatório.

Numa das visitas à residência, a família encontrou parte do material de obra que foi preservado por todos esses anos. Embora envelhecido, incompleto e malconservado, o material possui valor científico e também pessoal da família por conter anotações, correções, croquis e esquemas que facilitaram a interpretação do projeto construído.

A partir do redesenho “*as built*” e o acesso às cópias de obra, foi possível constatar algumas diferenças de projeto que em seguida foram verificadas com a família e dependendo da memória dos entrevistados, foram solucionadas e descritas.

A documentação fotográfica das visitas foi numerada e colocada numa tabela, classificadas como: foto externa, foto interna geral, detalhe construtivo, original, modificação e avaria/patologia junto a uma descrição breve de seu conteúdo.

Em relação às cópias de obra estas ainda estão em processo de digitalização, que por ocorrência da pandemia e da dificuldade de manuseio e fotografia dos documentos, passam por pós-produção na empresa contratada. A previsão de finalização é no final de novembro de 2020. A documentação é importante por serem todas originais, de vários participantes da construção da casa e principalmente pelo conteúdo inédito sobre a obra. Foi realizada, também uma listagem das cópias, organizando quais os conteúdos, desenhistas, datas de emissão, presença de anotações e estado de conservação.

Por fim, durante a elaboração do relatório final, em nova consulta à Revista Acrópole, foi identificado que, junto a diversos outros colaboradores, o Professor Francisco Petracco (1934), foi estagiário dos arquitetos e foi realizada uma pequena entrevista, no dia nove de setembro de 2020, através da plataforma Zoom durante atendimento aos alunos de TFG II da FAU Mackenzie, aos quais se une este pesquisador, para conhecer um pouco mais sobre a dinâmica de trabalho dos arquitetos, questionar se este se lembra dos outros colaboradores lá listados e questionar se o professor se recorda de alguma passagem a respeito da casa Sylvio Albanese, ou ao menos da relação de João de Gennaro tanto com os clientes quanto com os colaboradores. A partir da lembrança do arquiteto sobre o seu contato com Horácio Hirsch e Miyamoto, e a vaga memória de que estes ainda estão vivos, este pesquisador buscou contato com eles para descobrir se por coincidência teriam trabalhado no escritório na época da execução da Casa Sylvio Albanese, mas não houve sucesso.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Em entrevista, Silvia Terezinha Albanese, viúva de Sylvio Albanese e três de seus cinco filhos, Marcos Albanese (1965-), Silvia Albanese (1960-) e Simone Albanese (1967), relataram sobre a casa desde seu princípio até os dias de hoje. Foram três horas de áudio transcritos por este pesquisador e resumidos nos parágrafos a seguir, em meio a constatações e estudos posteriores a respeito da obra. Dos entrevistados, somente Marcos não reside mais na casa. Foi relatado o seguinte:

A família já residia na Mooca antes de se mudarem para a casa nova. Segundo Terezinha, o bairro novo ainda era muito pouco habitado, a rua ainda era apenas um número, 147, como constam nos desenhos originais encontrados. Sem o consentimento da família, Sylvio comprou o terreno na rua ainda de terra com apenas uma casa. Somente três anos após a compra contratou o primo arquiteto e levou a família e o Paulo Mendes da Rocha para

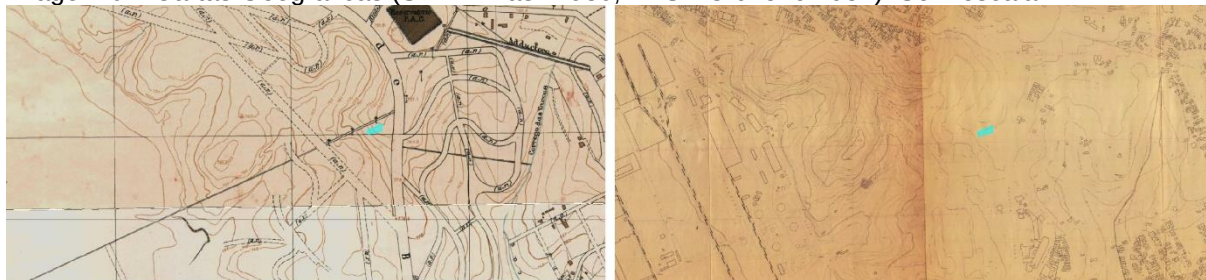
conhecer. Segundo ela, a casa anterior era grande, não havia a necessidade de mudança, mas Sylvio dizia: “Não Terezinha, nós precisamos ir pra uma casa mais moderna...”.

Sylvio chegou a fazer contato com empreiteiros, chefes de obra pra fazer a casa nova, mas sua reação foi sempre dizer: “Não é isso que eu quero, Terezinha, pra sair daqui, construir uma casa igual a que nós estamos, eu não quero”. E por isso, numa reunião de família na casa de Romeu Albanese (1933-2011) (seu irmão e avô deste pesquisador) conversou com seu primo João e posteriormente chegou a mostrar os projetos feitos pelos técnicos de obra. A resposta do arquiteto foi imediata e concisa: “Sylvio tenha dó. Cê acha que isso aí é casa pra você morar... logo você que pensa de uma maneira diferente...” relatou a viúva.

Pouco tempo depois, Sylvio foi visitar o escritório e as obras dos sócios Paulo e João para conhecer o trabalho da dupla. Segundo Marcos Albanese (filho de Sylvio), foram duas obras. De uma não se recorda, mas a segunda certamente foi a casa do arquiteto no bairro do Butantã, ainda em construção. Segundo ele, o pai se encantou com a maneira como foram pensadas a iluminação zenital para os estudos e as janelas baixas para o lazer dos filhos na casa do arquiteto. Ele legitimava a ausência de portas nos banheiros dizendo: “Na casa dele no Butantã não tem também. É uma particularidade da ‘casa moderna’”. Terezinha disse ter visitado o escritório no Conjunto Nacional numa ocasião, pôde ver os desenhos do Ginásio do Clube Paulistano que estava inaugurando, mas foi Sylvio quem acompanhou de perto o processo.

Através de uma pesquisa nas bases da Prefeitura de São Paulo, constatou-se que a casa se localiza no bairro conhecido como Parque da Mooca, dentro da subprefeitura e distrito da Mooca que a partir das cartas de 1930 e 1954 (Imagem 2) conclui-se que ainda estava, nesse período, em etapa de implantação da malha viária e início do loteamento. O lote que virá a se tornar a Casa Sylvio Albanese, destacado em azul, fica próximo do limite do loteamento e à sua direita pode-se notar o estágio de maior desenvolvimento do bairro vizinho, do outro lado da Avenida Paes de Barros, apesar de ainda muito pouco ocupado.

Imagem 02: Cartas Geográficas (SARA Brasil 1930; VASP Cruzeiro 1954). Sem escala.



Fonte: GeoSampa.

O loteamento foi concebido dentro dos padrões de “bairro jardim”, comum a outras regiões da cidade de São Paulo, a se perceber pelo traçado, pela arborização, baixa

densidade e presença de equipamentos, parques e praças, embora a proximidade com a linha férrea, antiga São Paulo Railway Company, tenha proporcionado à região baixa (à esquerda) uma alta concentração de galpões industriais e distribuidoras.

Na ocasião de construção da casa, de 1964 à 1969, é possível afirmar, através da visualização das vistas aéreas (Imagem 3) que a obra é contemporânea ou talvez anterior ao período de grande desenvolvimento do bairro. Na carta de 1930, não constam boa parte das ruas do loteamento, e em 1940 é possível observar um certo desenvolvimento pelo aparecimento de objetos construídos e obras em andamento, que continua até 1954, mas que se faz plenamente, ao observar a recente ortofoto de 2017.

Imagem 03: Fotos Aéreas: 1940, 1954 e Ortofoto 2017. Sem escala.



Fonte: GeoSampa (área de interesse marcada pelo autor).

Realizada a documentação da história dos proprietários e a análise de entorno, aproximando-se da casa, nota-se a geometria trapezoidal irregular do terreno, repetida na ocupação da casa. E a pré existência de uma rede elétrica de alta tensão lindeira ao lote até nas cartas geográficas mais antigas (Imagem 02).

Na ocasião, a família encontrou, depois de muitos anos perdidas, vias de obra dos desenhos originais utilizados na execução, e estes complementaram a pesquisa tanto pelas informações gráficas oficiais, quanto anotações e croquis realizados na época.

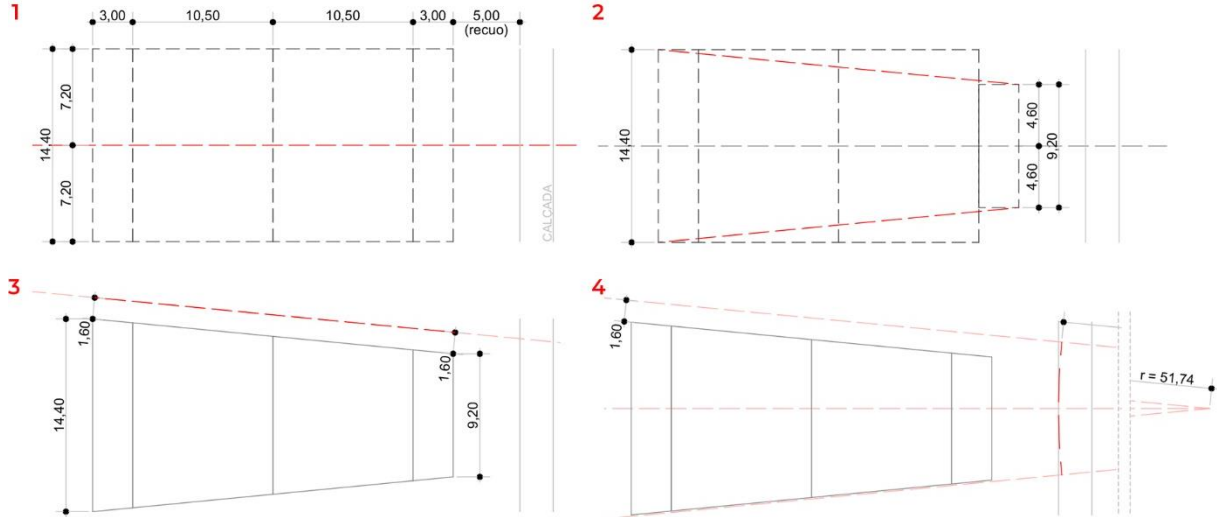
O ponto de partida do redesenho “*as built*” foi a compreensão do formato do terreno, através da recuperação de medidas nas cópias de obra. Especificamente na planta de alocação de fundações, corte e aterro, número 01, constam medidas dos 4 lados do lote mas que demandam, antes de tudo, a construção geométrica da projeção da casa.

Os primeiros passos foram a construção do perímetro da casa através do conhecido vão entre pilares, as partes em balanço da cobertura e a largura das extremidades frontal e de fundo da casa, representados nos desenhos abaixo (Imagem 4) com a rua para a direita.

Primeiramente foram colocadas as medidas no formato retangular e posteriormente articuladas para formar o trapezio que compreende a projeção total da cobertura. A alocação

da bissetriz do ângulo de abertura dos paramentos laterais foi o passo mais importante para o desenvolvimento de todos os passos seguintes.

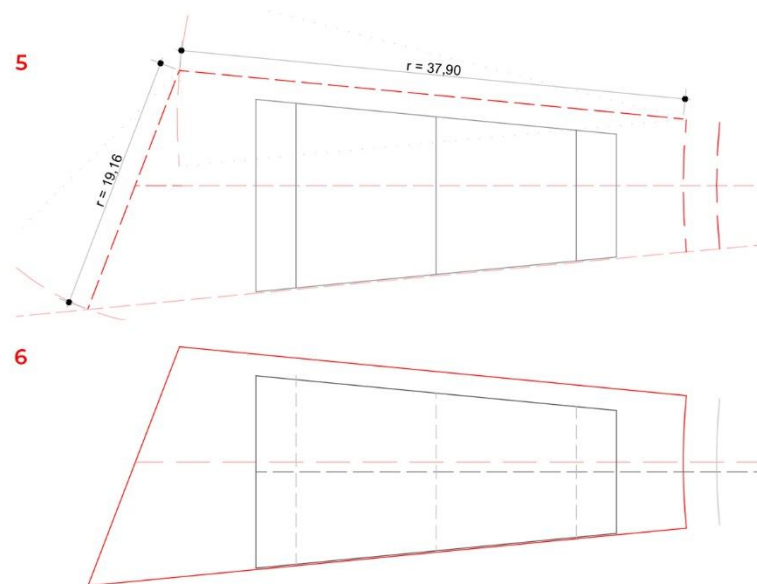
Imagem 04: Esquema passo a passo da construção geométrica da casa e corredor lateral.



Fonte: autor.

Dado o recuo de 5 metros a partir da cobertura e o “offset” de largura do corredor lateral externo da casa em 1,60m de eixo a eixo, construiu-se a frente do terreno, pois sabe-se o raio de curvatura da rua. Nos passos a seguir, (Imagem 05), foram construídos os lados restantes do terreno (novamente, a partir das medidas coletadas nas cópias do projeto executivo) por congruência dos raios com as retas conhecidas, conhecendo assim, os últimos vértices do trapézio irregular.

Imagem 05:

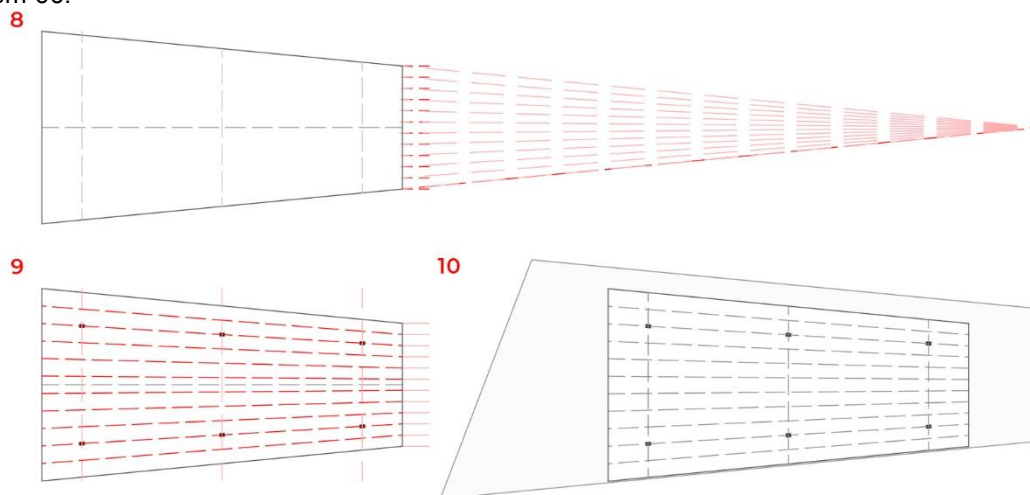


Fonte: autor.

Portanto constata-se as medidas de 44,80m no maior lado, 19,16m de fundo, 37,90m no outro e 9,85m de frente. Construída a projeção da cobertura e o perímetro do terreno, como

mostram os esquemas abaixo, (Imagem 06), dividiu-se a face frontal em 11 seções iguais que determinam o vão entre as nervuras tanto da cobertura quanto da laje do primeiro pavimento. As linhas tracejadas transversais à casa correspondem aos eixos transversais de pilares, que alocam as 3 únicas vigas transversais (excluídos os paramentos de frente e de fundo) de encontro às 12 longitudinais (incluídos os paramentos laterais).

Imagem 06:



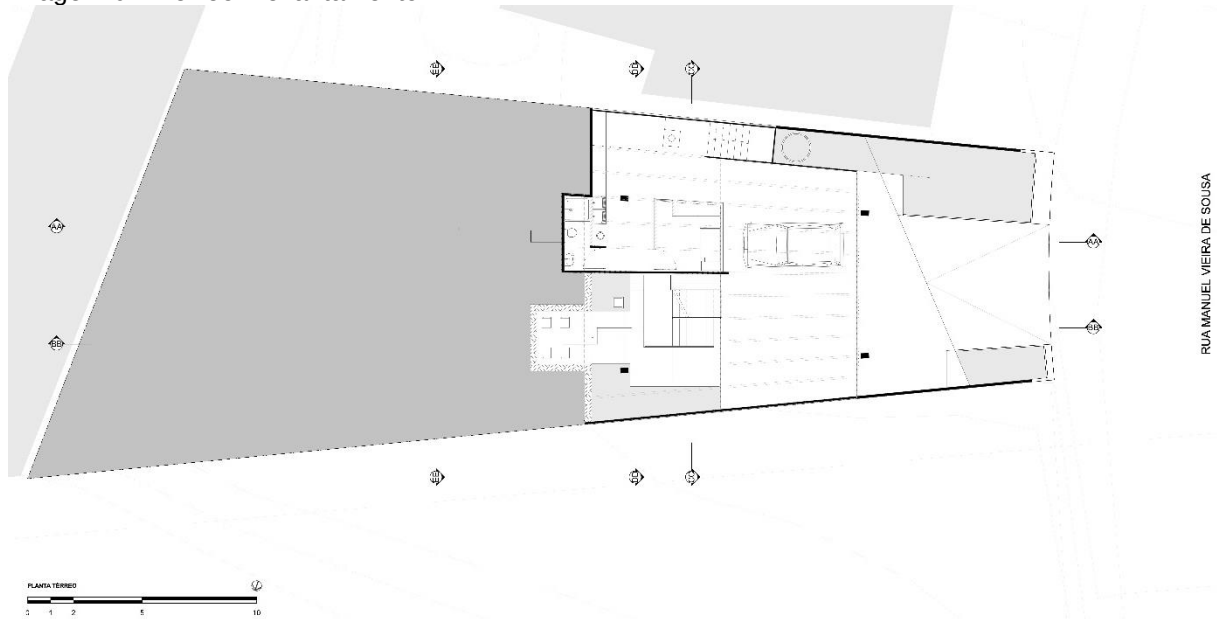
Fonte: autor

A análise da planta térreo da casa permite afirmar que todos os ambientes, inclusive o recorte na laje, foram dimensionados e alocados em sobreposição a este esquema estrutural. É possível dizer que a partir desta distribuição de nervuras, foram propostos os fechamentos e aberturas internos, embora em alguns momentos, quando se pretendia fazer o fechamento transversal às vigas, tenha sido utilizado o recurso de lajes muito pouco espessas, de 2,5cm para a construção de uma mesa que arremata a chegada das alvenarias e evita o fechamento nos vãos até a mesa da laje de cobertura, o que provavelmente demandaria recorte de blocos e perda de material. Entendeu-se que esse recurso e o esquema de vigas é tão importante para o entendimento do projeto que ambos foram deixados aparentes, em projeção, no desenho das plantas do levantamento da casa (imagens 07 e 08).

A declividade do terreno é de aproximadamente 11%, e os arquitetos agenciaram seu perfil original para a implantação da casa em dois pavimentos. No térreo, estão localizadas as dependências de serviço (banheiro e quarto) e, devido a uma solicitação principalmente de Terezinha, os tanques e bancadas de lavanderia. O acesso principal se faz pela escada do pátio, que originalmente não era pavimentado nem contava com uma adega inserida no arrimo de terra batida, mas sempre contou com uma espécie de tanque em concreto armado de 3,5cm de espessura, apoiado sobre um pilarete, no canto direito do jardim. A obra, segundo a família foi no início dos anos 70, pelo que se pode confirmar nas fotos de 15 anos de Silvia,

em 1976 e foi viabilizada por Romeu Albanese, que levou e apresentou os operários a seu irmão Sylvio para realizar a reforma.

Imagem 07: Térreo: Levantamento



Fonte: autor

Os pilares frontais não servem de apoio à laje do primeiro pavimento. Este se faz através dos estreitos painéis estruturais armados das laterais. Sua espessura é de 8,5 cm, assim como a das nervuras. Neste pavimento existem canaletas em concreto pois, segundo Marcos Albanese, o terreno é úmido e em dias de chuva intensa, escorre água pelo arrimo e as canaletas às direcionam à rua.

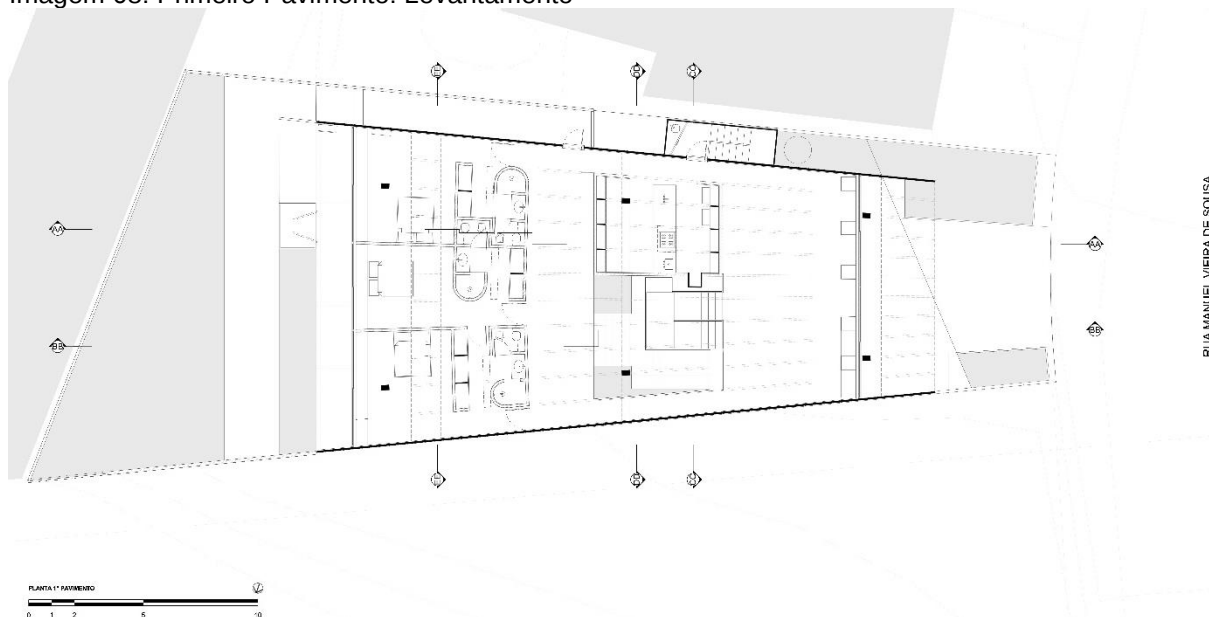
Originalmente, o único fechamento no acesso à casa era o portão metálico com duas partes fixas nas laterais até o eixo de pilares e das folhas pivotantes estruturadas por grades e tirantes transversais. O portão foi por vezes objeto de interesse de vizinhos e pessoas desconhecidas, que solicitavam tirar fotos e observar de perto para copiarem em suas próprias casas. Na ocasião da obra da adega e do piso no jardim, no entanto, a família também instalou um fechamento em vidro na totalidade do vão entre as paredes de concreto do quarto de serviço e o muro, instalando duas portas, uma de acesso ao jardim, outra na escada. Os relatos são de que era comum a entrada de animais como gatos e pombos em noites frias e/ou chuvosas e a ocorrência de correntes de vento muito fortes. Segundo Simone, pássaros chegaram a fazer ninho sobre as vigas aparentes abaixo das claraboias do pátio.

O tanque e suas dependências foram previstos integrados à cozinha, do outro lado da bancada central, como visualizado na planta abaixo (Imagem 08). Detalhes da cozinha chegaram a ser realizados (folhas 18 e 19) mas posteriormente foram alterados como consta na folha de executivo geral do primeiro pavimento (folha 09). O material de obra enriqueceu

imensamente a pesquisa por demonstrar através da diferença entre as datas das emissões a evolução do projeto e suas mudanças documentadas, ou seja, supervisionadas pelos arquitetos. A maioria das folhas data de 1964, mas existem detalhes e revisões datadas em 1967 e alguns detalhes de marcenaria até de 1969.

Abaixo, observa-se o desenho do primeiro pavimento, que concentra as funções principais da casa. A setorização em 3 zonas se faz evidente quando se observam as 3 suítes localizadas à esquerda, a sala privativa de televisão música e leitura conjugadas e cozinha e pátio, ao centro e sala principal, de estar e jantar à direita voltadas para a rua.

Imagem 08: Primeiro Pavimento: Levantamento



Fonte: autor

A cozinha mantém-se original, sua iluminação zenital e a amplidão do espaço sendo muito valorizadas pela família. A bancada em concreto, revestida por uma chapa única de aço inox com duas cubas (uma delas mais larga e profunda) se mantém segundo o projeto original. O volume aparente na sala de estar na parede de alvenaria da cozinha (Imagem 09), voltado para o pátio central, é o espaço destinado para a instalação do forno de que se encaixava no vão. Com sua substituição, o espaço excedente foi preenchido com uma chapa de aço inox.

Imagem 09: Vista do volume do forno por dentro e por fora da cozinha.



Fonte: autor

Segundo a família, originalmente os arquitetos gostariam que as alvenarias da cozinha e do quarto de serviço do pavimento inferior fossem pintadas de vermelho externamente, na superfície não emassada. Após muita discussão, principalmente com o João de Gennaro, foi decidido pela cor azul, que fez parte da identidade afetiva da casa. Segundo Silvia, em seu aniversário de 15 anos, as 15 amigas usaram o mesmo tom de azul das paredes, Sylvio decorou a casa com tulipas e colou nas paredes laterais de concreto laços e decorações. As festas eram verdadeiros bailes, na garagem, uma pista de dança, com banda e luzes, na sala principal, convidados, “comes e bebes”. Assim por muitos anos ficou até que fossem pintadas de branco assim como as demais. As paredes dos quartos e banheiros são emassadas, sendo as dos boxes e banheiros, amarelas (suíte 02 e 03) e azuis (suíte 1).

Assim como na Casa Butantã (1964), as instalações elétricas foram passadas pelo vão entre o piso de tábuas de ipê e a laje de concreto através de vigotas utilizadas como espaçadores. As luminárias são conectadas às tomadas do piso assim como os outros equipamentos da casa em todos os ambientes e para atingir o centro dos ambientes, a fiação atravessa as vigas por perfurações que além de conectar todas as luzes, sustenta os lustres pendentes. O interruptor de todos os lustres da casa é no formato conhecido por “pêra” (imagem 10) de madeira maciça, no mesmo tom das portas e maçanetas. Terezinha não se lembrou do nome da loja dos lustres mas tem certeza de que os lustres são originais na casa inteira e foram comprados junto ao João na mesma loja dos da Casa Butantã em 1967.

Imagem 10: Vistas da distribuição de lustres em diversos ambientes e os interruptores pendentes.



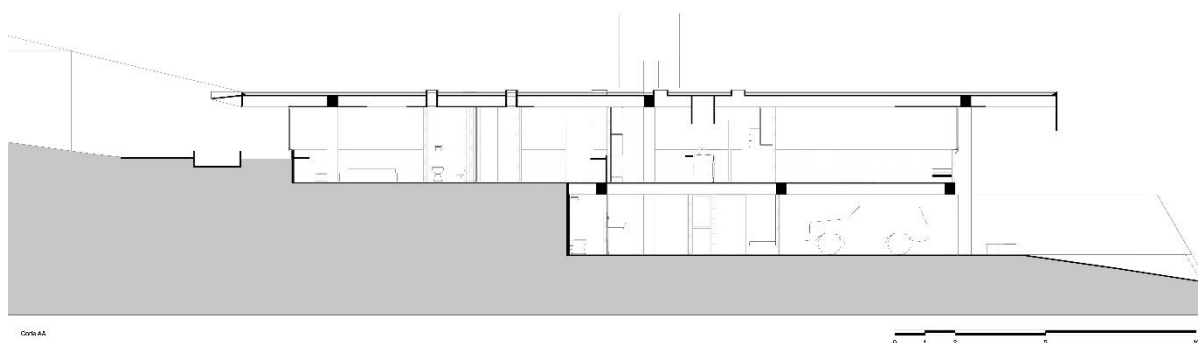
Fonte: autor

O mobiliário também foi escolhido em conjunto com João de Gennaro. Alguns já existiam na antiga casa e foram trazidos, como a cristaleira, o buffet, o carrilhão e alguns objetos. Não foram constatados móveis de designers reconhecidos, além das três unidades de poltronas de balanço Tonet, em sua maioria de madeira maciça escura. Os arquitetos previram uma mesa de jantar em concreto, mas por insistência dos clientes acabaram por não realizá-la. O mobiliário fixo em concreto restringe-se às escrivaninhas, guarda-roupas e bancos dos quartos, a estante na sala de TV, a bancada da cozinha e da lavanderia, os tanques, as divisórias verticais dos armários da cozinha e os sofás da sala principal.

Foi instalada uma pia de granito vermelho com uma cuba oval e misturadores duplos na escada de serviço, no vão entre o guarda-corpo e o paramento lateral da cobertura da escada. Estima-se que esta foi instalada logo no início da ocupação, quando foram feitos os gabinetes e pias dos banheiros, visto que apresentam a mesma pedra no tampo e modelo de misturadores. O projeto conta com um shaft de lixo que para a área de serviço e que possibilita a retirada direta de um volume maior de lixo advindo da cozinha.

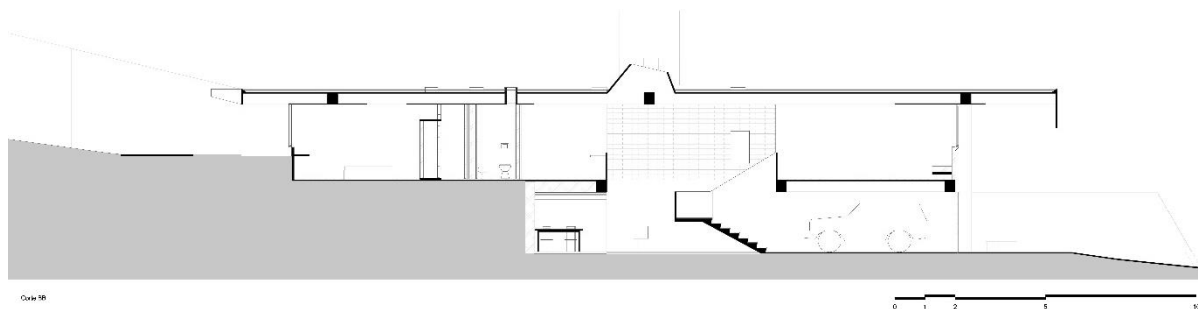
Abaixo, as imagens 11, 12 e 13, correspondem aos cortes que ilustram os fechamentos laterais e o encontro da alvenaria com o concreto da cobertura, das aberturas zenitais como foram construídas, da adega implantada no pátio central e da caixa que recebe a água excedente da cobertura.

Imagem 11:



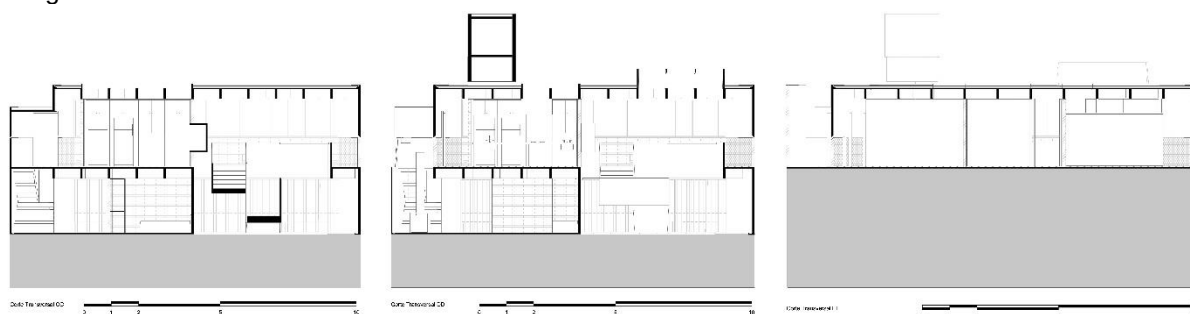
Fonte: autor

Imagem 12:



Fonte: autor

Imagem 13:



Fonte: autor

Pela presença de uma carta junto aos desenhos, confirma-se que o cálculo e dimensionamento das estruturas foi feito por Siguer Mitsutani, no valor de 300 mil cruzeiros, reconhecido engenheiro que trabalhou diversas vezes com Paulo Mendes da Rocha, assim como outros arquitetos reconhecidos, até o seu falecimento. Confirmado pela presença dos carimbos em algumas folhas do executivo encontradas, sabe-se que a construção foi realizada pela empresa CENPLA, e o projeto de hidráulica, por Júlio Cerqueira César Neto, importante engenheiro civil especializado em engenharia hidráulica, sanitária e ambiental.

Os engenheiros não foram os únicos colaboradores do projeto. Além das siglas DE G. e PAULO M., outras siglas foram identificadas nos carimbos: H.H, J.M.J, NEWTON e MIYATSUMOTO. Na Acrópole 342, na página 14, constam alguns nomes de colaboradores do escritório até o ano de 1967 e assim foi possível identificar o nome completo de alguns desses arquitetos. São eles: Horácio Hirsch, José Magalhães Jr., Newton Y. e Yoshikazu Miyamoto. Mas dentre os outros nomes que não aparecem nos desenhos desta casa e que contribuíram com os arquitetos está Francisco Petracco, hoje, arquiteto professor e doutor, mas na época, apenas estagiário (1958). Em conversa com ele, no dia 09/09/2020, foi relatado um pouco da dinâmica do escritório na época e convém redigir aqui:

Eu me lembro de bastante coisa... Eu era bem amigo do Paulo, nem sei por que... acho que por causa do Whisky... mas eu trabalhava com o Botti Rubin, fazendo perspectivas, uma porção de coisas... aí eu cruzei com o Paulo e ele tinha ganhado um Concurso... acho que do Clube Paulistano... e estava precisando de uns estagiários.... Então eu fui lá! Era no Prédio defronte a biblioteca, "Edifício Filesola" e tive a sorte de encontrar lá o sócio do Paulo, que era um grande arquiteto, detalhista de mão cheia, que me ensinou detalhe pra burro... Ele colaborou muito! Você sabe de uma coisa né Enrico... Todo artista... Todo artista tem um artista que se chama "escada" ... Se você falar com algum artista, alguma dupla... Você pergunta: "Quem é o "escada"?... O escada é o cara que não é O ousado, o grande participativo, mas a gente chama de escada porque é o que prepara o diálogo ou a cena para o outro. Entendeu?

[...]

Por exemplo, os vídeos das casas do Paulo Mendes lá na Cidade Universitária, a gente fez a maquetinha dentro do escritório, pra ver os balanços que você soltava assim o trinco e eles já abriam sozinhos... Pra ver a posição de máxima (?). Então a gente estudava direitinho o detalhe... O De Gennaro era extremamente rígido! Por exemplo, se a gente pegasse a régua T ou o conjunto de esquadros... de repente, as vezes a gente usava tanto o lápis, pois nós usávamos muito lápis e muito pouco nanquim... Então evidentemente que o esquadro ficava sujo de grafite... aí de tanto passar na folha era capaz de manchar a folha... né... pelo esfrega, esfrega, esfrega... então ficava sujo o desenho aí vinha o Gennaro e mandava "Vai lavar o esquadro!!"... Ele era muito exigente... Ai nós tínhamos que lavar tudo.... Tenho muito prazer em ter trabalhado pra ele.... Ai depois que ele se separou do Paulo ele montou uma equipe muito famosa de arquitetos, que foram os arquitetos do Itaú, ele fez um centro de grandes arquitetos como Jon Maitrejean... vários arquitetos... O Dudu Martins que dá aula no 3o ano... Fizeram os Edifícios do Itaú no Metrô Conceição... e por aí vai... Eu falo sempre pros meus alunos, pra que quem tem pai e mãe pra ajudar, não pense muito no estágio pra ganhar mais dinheiro, mas sim no que vai aprender mais...Ter mais experiência e conhecimento! Eu tive sorte de pegar grandes

arquitetos na época de estágio, por exemplo o Marc Rubin... Em relação por exemplo ao De Gennaro, o Rubin é quem come quieto... O Marc aparece menos mas faz uns detalhes fantásticos também... Assim como ele.... são ambos escadas... mas muitíssimo talentosos. Todos eles pegavam em prancheta claro... O Artigas, por exemplo, não faltam fotos dele com esquadros e compassos na mão... A sorte é quando junta uma dupla de talentosos como eles...

A casa ainda estava longe de ser construída na época em que Petracco trabalhou com os arquitetos, mas seu depoimento enriquece uma constatação feita pela família durante a entrevista, sobre a participação do arquiteto João de Gennaro no trabalho da dupla, ao menos nesta obra.

Terezinha relatou que durante a construção da casa, Paulo Mendes da Rocha levava alunos da FAU USP de ônibus para conhecê-la, observarem as fôrmas e a cura do concreto sob a água na cobertura. Mas foi a participação de João de Gennaro que foi especialmente notada por ela em todo o processo. Sylvio, como já foi dito, fazia visitas ao escritório e acompanhava decisões projetuais dos arquitetos, mas segundo ela, o acompanhamento da obra, tanto em relação aos operários e chefes, quanto com a família, era mais notável do que de seu sócio. Ela comentou que em todas as ocasiões em que ela pedia algum tipo de revisão, foi ele quem tentou convencê-la de aceitar o projeto original. Segundo ela, ele dizia “A Terezinha é mesmo doida! Estraga toda a nossa arquitetura colocando... mandando por uma porta...” e ela respondia: “João, eu tenho uma filha pequenininha, tenho de sair do quarto, dar uma volta na sala e entrar no quarto dela, pequenininha daquele jeito”.

Numa ocasião, a esposa do arquiteto entrou em contato com ela para que esta não ficasse chateada com o jeito do João, dada a relação fraterna que existia. Dizia “Terezinha, você não liga, porque o João não vê a comodidade de quem vai morar, ele não quer que estrague a arquitetura dele. Mas você fez muito bem de tirar aquele tanque e de pôr aquela porta”.

Por sua aparência incomum, segundo a família, a casa ainda desperta interesse, curiosidade e até inconformidade nas pessoas que passam por lá, sem nem mesmo entrarem. Por vezes escutaram de motoristas, professores particulares e eventuais encanadores ou eletricitistas, se não faltavam à casa, pastilhas ou qualquer outro tipo de acabamento, se a causa era instabilidade financeira ou algo do tipo.

Terezinha relatou sobre uma hipótese que ainda existe na família até hoje de implantar um lavabo:

Houve um tempo em que nós pensamos... Quando fizemos a adega, eu falei pro Silvio “Silvio nós precisamos de um lavabo” e ele “Então, eu preciso primeiro falar com o João”. E nós pensávamos em fazer tirando um pedaço da cozinha... uma fatia... Mas eu estava tão cansada da obra da adega e o piso, que foi colocado ali... que eu falei “Olha Silvio, eu não quero mais pedreiro aqui”. Mas foi por pouco viu... Eu vou te mostrar onde era... íamos

tirar a parte onde ficam as geladeiras... Mas abrindo pro corredor... E o Silvio não gostava porque se abrir pro corredor, já tá dentro da cozinha... Então teria que abrir pra sala e a gente não queria... Ai ficou meio nebuloso o negócio...

Na ocasião da mudança, Terezinha contou que não tinha nada para comer então João e Sylvio foram na padaria na esquina com a Paes de Barros para comprar pães e frios para alimentar a criançada. A padaria na década de 70 foi demolida para a construção de uma agência do Itaú, o projeto é também de João de Gennaro, no início de sua carreira na Itauplan. Segundo ela, era comum, em vista à obra, ele passar por lá para encontrar a família e tomar um café.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório é fruto de um estudo pormenorizado da Residência Sylvio Albanese (1964-1969), ou seja, a atenção ao objeto foi dividida entre todos os temas tangentes a ele. São eles: referencial teórico sobre os autores; o contexto macro e micro de concepção e construção do objeto; ocupação e transformação em todo o período de habitação; danos e patologias resultantes da exposição ao tempo e a participação dos arquitetos na obra, pela oportunidade de consulta aos proprietários originais. Seu objetivo é valorizar o objeto através da documentação para a sua preservação, inclusive sob aspectos sócio-culturais. A história do patrimônio moderno, embora recente, demanda estudos em técnicas retrospectivas que preservem a importância material e imaterial das obras, assim como de divulgação desta parcela do conjunto de histórias sobre São Paulo, o movimento moderno e o século XX.

6. REFERÊNCIAS

- ACAYABA, Marlene Milan. Residências em São Paulo 1947-1957
ACRÓPOLE: edição 342. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, Agosto, 1967. Mensal. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/342>>. Acesso em: 27 mar. 2019.
ACRÓPOLE: edição 343. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, Não é um mês valido! 1967. Mensal. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/343>>. Acesso em: 27 mar. 2019.
BASTOS, Maria Alice Junqueira. Pós Brasília: Rumos da Arquitetura Brasileira. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2003.
BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. Brasil: Arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2015.
BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1981
FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
GUEDES, Joaquim, Arquitetura Brasileira após Brasília, Depoimentos, Ed. IAB/RJ, 1978.
LE CORBUSIER, Por uma arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1994.
OTONDO, Catherine. Desenho e espaço construído: relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha, 2013
PIÑON, Hélio; Paulo Mendes da Rocha; São Paulo: Romano Guerra Editora, 2002
PISANI, Daniele. Paulo Mendes da Rocha. Obra completa. Gustavo Gili, Barcelona, 2013.
SOLOT, Denise Chini. Paulo Mendes da Rocha. Estrutura: o êxito da forma. Viana & Mosley, Rio de Janeiro, 2004
SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil: 1900-1990. São Paulo: EDUSP, 1998.

SOLOT, Denise Chini. A paixão do início na arquitetura de Paulo Mendes da Rocha. DOCOMOMO, 1997

ZEIN, Ruth Verde. Arquitetura Brasileira, Escola Paulista e as Casas de Paulo Mendes da Rocha, 1982

ZEIN, Ruth Verde. Leituras Críticas / Ruth Verde Zein: organização de Abílio Guerra, Fernando Luiz Lara e Silvana Romano Santos. São Paulo: Romano Guerra; Austin: Nhamerica, 2018.

ZEIN, Ruth Verde. A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista: 1953-1973, Ano de Obtenção: 2005. Orientador: Carlos Eduardo Dias Comas.

Contatos: enricoap@outlook.com e rvzein@gmail.com